

Empresário deu basta aos boatos

Deixar de lado a ciranda financeira e reinvestir os lucros na expansão da empresa, acreditando em si mesmo e fechando os ouvidos aos boatos. Essa receita, pouco usada pelos empresários atualmente, tem sido o ingrediente básico para que Lázaro Marques Neto alcance diretamente o sucesso, através de uma fábrica e uma cadeia de lojas especializadas em malhas e lingeries em Brasília — a Vênnus.

Exportando metade de sua produção aos Estados Unidos e Europa e dividindo o restante entre Brasília e mais 19 estados, Lázaro vem conseguindo sobreviver (e bem) à atual crise econômica que abala as estruturas de todos os setores econômicos brasileiros.

Instalado num escritório moderno e confortável na 414 Sul, o goiano Lázaro Neto, de 38 anos, comanda hoje 110 funcionários que atendem às suas 6 lojas e uma pequena fábrica, montada no subsolo dessa área. Com a ajuda de sua sócia e esposa, Sônia Araújo Marques, ele já abocanha uma pequena fatia do disputado bolo das exportações brasileiras, enviando em torno de 10 mil peças a lojas americanas e europeias — que garantem o sucesso dos biquínis e maiôs brasileiros no mercado internacional.

Tudo partiu de uma participação da fábrica adquirida na pri-

meira Fenit de 1986. Com um mundo novo à frente, Lázaro não teve dúvidas e arriscou fechar contrato com representantes internacionais. "Nossa linha de praia, em lycra, é muito bem conceituada no exterior", explica. Como bom administrador, ele tenta equilibrar as vendas internas e externas, de modo a não ficar totalmente dependente de um único mercado.

Sempre que a quantidade exportada ultrapassa a 10 mil peças no mês, Lázaro aciona sua coligada em São Paulo, a Rommel e Haip, e passa a atuar como intermediário. O lucro é certo. "É necessário ser ousado, mas realista. Saber comprar o volume certo que represente um bom giro do estoque", revela o empresário brasileiro, que tem como ídolos dois outros empresários da cidade — Wílberto Tartuce e Luis Estevão.

PRIVATIZAÇÃO

Para expandir ainda mais seus negócios, Lázaro Neto repete o mesmo discurso dos grandes empresários cariocas e paulistas: "O Governo deveria privatizar 90 por cento de suas atividades e deixar funcionar a lei da oferta e da procura. O comércio, por exemplo, deveria ter seu horário de funcionamento liberado, mantendo somente o controle da carga horária dos trabalhadores.

Mas a maior revolta de Láza-

ro no momento é com alguns pontos da Constituinte, o principal deles o que aumenta para 120 dias a licença-maternidade. Isso porque a Vênnus trabalha basicamente com mulheres, que suas vendas são centradas no público feminino. "Vai ser um problema sério", diz Lázaro que, na brincadeira, pensou em contratar Gays. "As leis protecionistas no Brasil acabam por ter efeito contrário".

VENCER

Superar crises já se tornou rotina para o proprietário da Vênnus, que pensa agora em como resistir a mais uma "puxada de tapete do Governo". Do Plano Cruzado ele guarda tristes lembranças e, embora não dê ouvidos a boatos, ainda teme um novo congelamento de preços.

Em 1986 Lázaro Neto e sua esposa tinham 15 lojas populares, com o nome de Mateca. Com o Plano Cruzado, as 20 toneladas reduziram-se a 300 quilos, pois as fábricas deixaram de produzir.

Agora o medo por um novo congelamento continua vivo, alimentado por boatos constantes, difíceis de evitar. Dentro do possível, Lázaro Neto vai expandindo seus negócios, garantindo que a atual crise é mais moral que econômica. "Falta objetividade, moralidade e pulso do Governo", conclui.